

## O AVESO DO MUNDO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPELHO NA FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

**IGOR VINÍCIUS SOARES ALMEIDA<sup>1</sup>; JULIANA CORREA HERMES ANGELI<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas –almeida-igor@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – julianaangeli@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Esse texto é uma reflexão sobre as minhas incursões poéticas em fotografia dentro do campo da arte, vinculado a uma pesquisa na disciplina de Laboratório de Fotografia I e II da professora Juliana Corrêa Hermes Angeli. Com base numa série de fotografias que fiz explorando reflexos de superfícies, escolhi duas delas para construir essa análise. As fotografias partem do anseio de observar o mundo procurando desdobramentos de sentidos pelo seu avesso através do reflexo, buscando nele algo que está além do real. Busco a partir das fotografias que tenho feito, usando superfícies espelhadas, investigar uma aura em torno da imagem fotográfica, pensando em ir atrás de uma certa fronteira entre o mundo real/mundo virtual tanto dentro da imagem em si como fora dela.

Considerando que vivemos sob a era da informação, onde nascemos e vivemos bombardeados por imagens e as pessoas acreditam muito mais nas imagens televisivas e eletrônicas que no mundo real em si, urge a necessidade de nos colocarmos a parte desse fluxo, e investigar sob em que circunstância isso se sucedeu. (FLUSSER,1983) Os textos Filosofia da Caixa Preta de Vilém Flusser, e A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica de Walter Benjamin são importantes contribuições para essa discussão. Esses textos problematizam o impacto da invenção das imagens produzidas pelas máquinas, as imagens técnicas, sendo o primeiro na relação destas com os humanos, e o segundo com as obras de arte.

Nesse sentido fui atrás de objetos fundamentais para a invenção da fotografia, sendo o espelho o maior expoente deles e o elemento central da minha pesquisa, buscando investigar como se dava a relação desses objetos com os artistas dos séculos anteriores à maquinização da produção de imagens. Artistas como Jan Van Eyck e Diego Velázquez, são exemplos interessantes para analisar esse interesse pelo espelho tanto na conquista pelo naturalismo quanto num pensamento que escapa à contemplação passiva da obra de arte. O artista contemporâneo Waltércio Caldas traz o acúmulo dessas discussões para a contemporaneidade em “Velazquez” (1996). “A função da arte é criar mais arte. Você não pode fazer com que a obra anterior durma. A nova tem que manter as outras acordadas.” (CALDAS, 1997) O objetivo desse texto é expor essas contribuições da história da arte que dialogam com o meu trabalho fotográfico e ampliam a discussão em torno dele.

## 2. METODOLOGIA

Explorando a paisagem da praia do Cassino, busquei fazer fotografias investigando os horizontes que se apresentavam ao meu redor me apoiando em um dispositivo óptico, o espelho, para construir imagens inusitadas, que gerassesem um estranhamento ou um efeito visual que enganasse os olhos. Nas fotografias (Figura 1) pode-se notar o posicionamento arbitrário que dei ao espelho para gerar um novo horizonte sobre o horizonte já apresentado. A princípio trata-se do registro de um jogo entre as imagens refletidas da paisagem.

O objeto espelho é utilizado como uma ideia abstrata de manipulação da imagem, como se eu tivesse em minhas mãos um aparelho de gerar imagens, levando em conta que esse objeto foi fundamental para o advento da fotografia, o que seria, para mim, um retorno à sua forma mais primitiva. Assim as imagens se tratam de “fotografias primitivas” dentro da fotografia, como se fosse uma meta análise das imagens.

Todo processo criativo exige um percurso para gerar resultados, aqui eu exponho a superfície desse processo, me amparando tanta na ideia de uma aura de das imagens de Benjamin quanto na relação de idolatria dos humanos pelas imagens de Flusser.

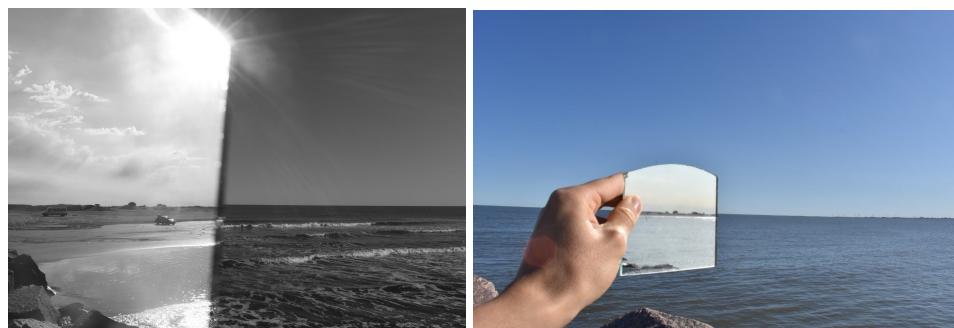
## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Michel Foucault escreveu uma vez que “olhamos um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. (...) O pintor só dirige os olhos para nós na medida em que nos encontramos no lugar de seu motivo”. (FOUCAULT, 2007). Acredito que o espelho me permita direcionar o olhar na imagem, quase como se eu desse um aceno ao observador: existe outra imagem refletida que olha de volta para ele. Buscando referências que se aproximassem do meu trabalho, encontrei exemplos interessantes do uso do espelho como uma meta imagem dentro do quadro. Em Jan Van Eyck, temos a obra “O Casal Arnolfini” (1434), (Figura 2) onde o pintor renascentista retrata os aposentos íntimos de um casal abastado prestes a consumar seu matrimônio. O espelho no fundo da imagem tem a função não só de mostrar o poder aquisitivo do casal como também revelar figuras que participam da cerimônia mas não estão enquadradas na imagem, inclusive o próprio pintor.

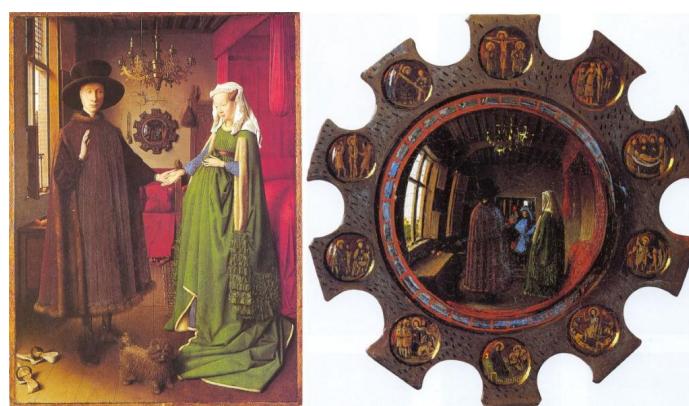
O pintor barroco espanhol Diego Velázquez vai muito além com sua predileção por espelhos em suas pinturas sendo “As meninas” (1656) o exemplo mais contundente disso. (Figura 3) Segundo o artista contemporâneo Waltercio Caldas, “Velázquez tinha uma relação muito forte com a questão da reprodução técnica, se você considerar a questão da reprodução técnica como se ela fosse um espelho em um outro grau”. Caldas observou isso em seu livro de artista “Velázquez” (1996), livro que se utiliza da computação gráfica para retirar as figuras dos quadros do pintor barroco e assim revelar um “fundo tão estruturado quanto seus personagens”.

Velázquez [...] poderia usar o reflexo de um espelho representado para colocar o olhar do espectador dentro desse quadro. Alguns de seus personagens olham para fora do quadro. Ele é um dos primeiros a colocar para dentro o que está fora desse quadro. (CALDAS, 1997)

O filósofo Vilém Flusser diz que “o caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens”, como se as imagens fossem apenas um vidro transparente para ver o mundo real. (FLUSSER, 1983, p.10) Esta análise critica nossa submissão e o nosso julgamento diante de uma fotografia. Me aproximo dessa ideia quando fotografo o mundo por meio de um espelho, aceitando que se a fotografia não é um espelho do mundo real, ela pode ser uma nova dimensão deste. Esse encontro entre mundo real e refletido/revertido/distorcido é algo potente quando algo novo acontece no encontro. Existe um mundo novo a ser explorado nessa fronteira – uma nova realidade. Acredito que eu posso explorar ainda mais o que já foi feito buscando investigar a fronteira imagem/realidade.



**Figura 1:** Horizontes Paralelos, 2019. Registro:Igor Almeida, Pelotas.



**Figura 2:** Na imagem à esquerda: “O casal Arnolfini”, de Jan Van Eyck. Na imagem à direita: Detalhe do espelho representado na obra. **Fonte:** BECKETT, Wendy. **História da pintura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pp. 64 e 65..



**Figura 3:** Na imagem à esquerda: “As meninas”, de Diego Velásquez. Fonte: BECKETT, Wendy. História da pintura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 64. N. Na imagem à direita: “Velazquez” de Waltercio Caldas. Fonte: CALDAS, Waltercio. “Velazquez”. São Paulo: Editora Anônima, 1996.

#### 4. CONCLUSÕES

Utilizar espelhos em trabalhos artísticos é complexo e complicado por ser um objeto utilizado à exaustão na Arte Contemporânea. Mas cada contribuição, por mais próxima que seja, apresenta a sua própria discussão pois está subordinada a subjetividade de seu autor. O ser humano necessita possuir imagens para de certa forma ter um pedaço do mundo para si. Em nossa relação de mediação com o mundo em que vivemos, necessitamos das imagens para nos guiar nas nossas relações que estabelecemos com o ambiente. (FLUSSER, 1983) As minhas fotografias em particular, nos permitem pensar em um outro lugar, um lugar paralelo ao nosso.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **A obra de Arte na era de sua reproduzibilidade técnica.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2012.
- CALDAS, Waltercio. **Waltercio Caldas coloca novo foco em Velázquez.** São Paulo, 1997. Acessado em 30 de setembro de 2020. Online. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq150202.htm>
- FLUSSER, Vilem. 1983. **Filosofia da Caixa Preta.**
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins fontes, 2007.
- HOCKNEY, David. **O conhecimento secreto.** São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- RIVERA, Tania. **O avesso do imaginário.** São Paulo: Editora SESI-SP, 2018.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Espelhos e reflexos: uso e representações em obras artísticas. **X Seminário de História da Arte.** Pelotas. Vol. 1. No. 1. P. 1-17. 2011.